

José Luiz Pereira da Costa

Rua Monroe, 181 – 112

90810-220 – Porto Alegre

Dr. Fernando Henrique,

Numa carta que me enviou, alguns anos atrás, ante minha pergunta se havia intenção de dar continuidade à obra *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, me respondeu que não, pois que grande parte dos documentos coletados havia sido queimada numa “batalha com os ‘direitistas’ do Mackenzie”.

Pois bem, sou colega de faculdade, na URGs, anos 1960, do filho de seu amigo gaúcho, falecido professor Laudelino T. Medeiros. Luiz Inácio, seu nome, que hoje é meu companheiro de caminhadas matutinas, num parque da cidade, no conversar fiado, ficou sabendo da importância que dei para uma troca de correspondência que mantivemos, em 1998 e que inseri como parte do tópico ***Cartas/Escravidão/Marcílio Dias***, num conjunto de materiais que mantenho em www.dacostaex.net/pcd.html

Luiz Inácio me passou xerox da carta que vai aqui anexada. Não sei se o original consta de seu acervo atual. É um documento importante em vários sentidos, até na assinatura final.

Cordialmente

José Luiz Pereira da Costa

Prezado amigo Laudelino Teixeira de Medeiros:

Espero que tenha passado bem, depois dos nossos encontros em São Paulo. Nossa convivência me foi muito agradável e a ela devo a possibilidade de poder, agora, apelar para a colaboração do esclarecido amigo e colega.

Como é do seu conhecimento, nossa cadeira está empenhada, há muito tempo, em pesquisas sobre a cultura afro-brasileira e sobre as relações entre negros e brancos na sociedade brasileira. Tínhamos em mente realizar, nas férias deste ano, quatro "surveys" em comunidades urbanas do sul, com o propósito de completar o quadro de investigações já patrocinadas pela UNESCO. Contudo, faltaram-nos os recursos financeiros e, por nossa conta e risco (e com o auxílio de Cr.\$5.000,00), resolvemos reduzir o projeto e realizar apenas um "survey" na cidade de Porto Alegre.

Porto Alegre foi escolhida por duas razões. Primeiro, ela apresenta uma condição muito importante para a análise das relações entre negros e brancos no Brasil: é uma das grandes comunidades urbanas em que a porcentagem da população de cor é a mais baixa. Segundo, possui caracteres estruturais e dinâmicos de excepcional interesse para uma análise comparativa com São Paulo (grau de urbanização, índices de desenvolvimento industrial e comercial, ritmo de formação das classes sociais, etc.). Do ponto de vista financeiro, a escolha naturalmente encarecia o deslocamento dos pesquisadores. Mas, havia outras compensações, como a de contar com a colaboração do prezado amigo e de permitir a concentração do esforço dos pesquisadores em uma comunidade bem escolhida.

Os pesquisadores são seus conhecidos. São o Fernando Henrique Cardoso e o Renato Jardim Moreira, primeiro e segundo assistentes da cadeira, e Octavio Ianni, que nela colabora como assistente extra-numerário. Eles precisam muito de sua cooperação intelectual e ... prática. Em primeiro lugar, precisam de informações sobre a situação do negro em Porto Alegre e sobre as condições de relações com o branco. Com base nessas informações é que irão redefinir as hipóteses que orientarão a coleta de dados e que pretendem estabelecer a estratégia de trabalho em campo. Em segundo lugar, como dispõem de poucos recursos financeiros, precisam de seus conselhos para a escolha de uma pensão, que ofereça boas acomodações a baixo preço. Peço-lhe isso, porque não sei se a Universidade do Rio Grande do Sul dispõem de meios para proporcionar-lhes pelo menos alojamento gratuito. Tudo que puder fazer, em um sentido ou em outro, nos obrigará muito à sua generosidade.

Espero receber notícias suas, e envio-lhe um forte abraço,

Florestan Fernandes

Eu poderia rebuscar algum pensamento ilustre ou erudito para introduzir a carta que vou ler a seguir. Porém, me ocorre a singela metáfora, que me passou o deputado estadual, do RGS, Valdir Lopes, com quem tive o imenso prazer de conviver e ser, mesmo, seu chefe-de-gabinete, por certo período, quando ele presidia a Assembleia Legislativa de nosso Estado.

Devemos, contudo contextualizar sua assertiva, posta em tempos quando beber uísque demarcava certa posição social – diferentemente de hoje quando o mesmo hábito, para usar palavra de mesma origem, é empurrado para a fronteira do outsider.

Dizia Valdir Lopes: *“Eles vêm o uísque que tomo, mas não sabem os tombos que levei”*.

É a desornada carta do mestre Florestan Fernandes ao professor gaúcho, Laudelino Teixeira de Medeiros, pai de querido colega de turma na Faculdade de Direito, da Universidade do Rio Grande do Sul, Luiz Inácio de Medeiros, que gentilmente me passou cópia. Assim: